

Introdução

As reflexões desenvolvidas nesta tese iniciaram-se no ano de 1998, instigadas pela apresentação de um caso clínico a um grupo de estudos de terapia familiar, em uma instituição social que oferecia atendimentos a famílias. O interesse despertado pelo tema e a ausência de uma literatura a respeito levaram-nos a realizar um projeto de estudo sobre a convivência entre os membros das famílias, que se encontravam no mesmo ponto do ciclo vital familiar do caso apresentado, ou seja, filhos formados e trabalhando e pais na meia-idade vivendo em momentos próximos da aposentadoria.

Em sua primeira fase, o projeto desdobrou-se em uma dissertação de mestrado e em dois artigos publicados em revistas científicas de nosso país. Estes apresentaram o fenômeno do prolongamento da convivência familiar como uma construção contemporânea, forjada na conjugação de fatores intrafamiliares – a ambivalência de sentimentos em relação à partida e à perda dos papéis conquistados – e extrafamiliares, fruto de um contexto social fortemente marcado por instabilidade e incerteza. Fatores estes obtidos através da análise de dados de um estudo de campo com sete famílias, cujos membros eram coabitantes.

A segunda fase desse estudo, exposta nesta tese, dá prosseguimento à pesquisa original e concentra-se na dinâmica interativa vivida por esses pais e filhos adultos, nos limites do espaço doméstico familiar. Entre as considerações iniciais que serviram de base às primeiras questões norteadoras do percurso reflexivo atual, uma refere-se ao dilema do viver junto e do viver só, uma incerteza colocada pelo individualismo da atualidade. De acordo com Singly (2005), o processo de individualização, vivido na sociedade ocidental, vem se constituindo como um paradoxo para o indivíduo contemporâneo, pois o autoriza a sonhar com uma vida que congregue, ao mesmo tempo, estar só e estar junto. Dessa forma, este indivíduo tenta se acomodar em uma dupla vida, que associe uma esfera pessoal a uma coletiva.

A outra questão inicial a orientar nossas reflexões consiste em um desdobramento da primeira. A vivência da conciliação entre as duas esferas, a

pessoal e a coletiva, processa-se na dinâmica interativa: assim, sublinhar o contexto de interações entre esses indivíduos, as suas formas de se relacionar e de ajustar os interesses mútuos é fundamental para o conhecimento dessa dinâmica. Desse modo, nos interessaremos, especificamente, por uma dimensão interativa, que, segundo nosso olhar, se constitui através de cada diálogo travado nas circunstâncias da convivência. Watzlawizcky (1967) nos diz que interação é uma série de mensagens trocadas entre pessoas, entendendo mensagem como um complexo fluido e multifacetado de diversos tipos de comportamentos, sejam eles verbais, tonais, posturais, contextuais, entre outros. Nessa medida, a interação pode acolher duas formas de relacionamento. Uma, a interação simétrica, supõe um nível de igualdade relacional calcado na confiança, mutualidade e reciprocidade. A outra, a interação complementar, abarca a idéia de que comportamentos dessemelhantes, porém ajustados, se provocam mutuamente.

Ao lado dessa concepção, apresentamos a idéia de Schnitman (1994), que considera que aquilo que se constrói em um diálogo “não é homogêneo e nem é o resultado de uma consciência singular” (p. 248), e sim, um campo de sentido polifônico, ou seja, constituído de vozes provenientes de diversas esferas, como a cultura, o gênero, a localidade, entre outras. Nessa medida, conscientes da complexidade do nosso objeto de estudo, passamos a nos concentrar na idéia da importância da vida cotidiana, como um reduto de expressão de conversas casuais e banais, porém ricas de conteúdo para uma análise da interação.

A dimensão interativa, ao ocorrer no ambiente doméstico familiar, leva-nos a considerar a relevância dos pequenos detalhes da convivência do dia-a-dia, que expõem os ajustes realizados na relação, necessários para o prosseguimento da vida em comum. Esses ajustes seriam a construção, a reconstrução ou a ruptura das regras familiares, organizadoras das vidas desses membros, que irão, nessa medida, legitimar seus interesses pessoais e coletivos. Entre esses interesses, destacamos a validação da autonomia dos filhos e a resignificação da relação como aspectos significativos da convivência nesse momento do ciclo vital das duas gerações.

Neste ponto, lançamos mão do pensamento de Gilberto Freyre (1933; 1936), que esclarece-nos sobre a importância de se investigar a vida cotidiana das famílias, atribuindo a ela o valor de matéria-prima fundamental para a

compreensão das relações humanas. Assim, acreditamos que a informação de quem paga uma conta, ou como é negociada uma ida ao supermercado, as refeições em família, as programações para o fim de semana podem nos abastecer de recursos valiosos para a análise da nossa questão.

Assim, pretendemos expor a importância das pequenas atitudes e das minimanifestações expressas nas interações e vividas no cotidiano da família. Entendemos que o processo de interação se faz a partir de pequenos gestos e palavras pronunciados na relação. E ainda, que o poder destes instantes reforça o valor da análise da vida doméstica como recurso de compreensão da dinâmica familiar e, especificamente, da relação entre pais e filhos adultos.

Através do entendimento de pequenas transformações e do processo de negociação envolvido na constituição das mesmas, viabilizaremos a possibilidade de uma reflexão sobre os sentimentos vividos pelos membros dessas famílias e a sua capacidade de reestruturação, advinda da construção de acordos na convivência. A observação da dinâmica interativa vivida nessas circunstâncias pode nos revelar a potencialidade de alguns mecanismos, utilizados para enfrentar os impasses experimentados no processo de diferenciação no seio familiar. Consideramos que unir-se para depois se separar ou, mais especificamente, se separar e ficar junto, são ações contraditórias que requerem arranjos específicos na relação.

O conceito de diferenciação para Bowen (1988) se refere a um processo, no qual a “individualidade e o *togetherness* são utilizados pelo indivíduo em um sistema relacional.” (p. 95) A maior parte das pessoas almeja alcançar uma maior individualidade e, no entanto, “resiste em abandonar o *togetherness* requerido para essa aquisição.” (1988, p. 107) Dessa forma, nos permitimos considerar que as famílias, em suas práticas da vida cotidiana, vivenciam essa tensão entre forças opostas no universo de suas interações, isto é, oscilam entre a fusão e a diferenciação, de acordo com a pauta do momento. Acreditamos que pais e filhos adultos busquem dimensões de proximidade e afastamento apropriadas na esfera relacional, para que suas conquistas pessoais, nesse terreno, possam ser garantidas.

Para tanto, de acordo com Minuchin (1974), são necessárias delimitações de fronteiras, suficientemente nítidas entre esses membros da família, de modo a

assegurar o respeito às conquistas pessoais. No que se refere às regras familiares, por exemplo, estabelecidas pelos próprios membros, acreditamos que elas possam ser rompidas pelos filhos e colocadas em negociação, no intuito de favorecer o fortalecimento da autonomia. Nesse caso, seria necessária uma estrutura familiar mais aberta e, assim, propícia à criação de um espaço flexível. Portanto, conhecer as micromudanças ocorridas no cotidiano familiar é fundamental para desvendar a potencial capacidade da família em guardar os espaços de seus membros. A investigação dos acordos e dos interesses mútuos, negociados pelos membros da família, nos informará a respeito desta dinâmica interativa.

Ao lado disso, Minuchin (1993) nos fala da flexibilidade no espaço familiar, isto é, a família tem a seu dispor uma forte capacidade de utilização dos múltiplos *selves* dos membros, que podem ser mobilizados em função das circunstâncias. Concebida dessa forma, a dinâmica interativa pode abarcar um interjogo, no qual os participantes defendem seus interesses através da construção de alternativas, forjadas na flexibilidade da dimensão interacional.

Esse espaço flexível, pleno de recursos criativos, edificados ou reciclados a partir da história de cada uma dessas relações, permite a visão de um lugar potencialmente concebido como uma área de transicionalidade, capaz de oferecer experiências subjetivas importantes para esses indivíduos. Para que essas experiências possam acontecer é necessário o estabelecimento de um ambiente de confiança e apoio. Para Winnicott (1971), o conceito de espaço potencial une as dimensões subjetiva e objetiva, de modo que o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido se alternem, sobreponham-se ou se integrem. “Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos.” (1971, p. 93) Dessa forma, a experiência de transicionalidade vivida na interação entre pais e filhos adultos constitui-se como possibilidade de reconstrução constante para ambas as gerações, por mobilizar a experiência de alguns estados psicológicos que a caracterizam, como a regressão a alguns momentos de dependência ou a necessidade de expansão do *self*.

Assim, nos limites do espaço relacional em questão, o fato de o indivíduo poder experimentar, ao mesmo tempo, estar só e estar junto, pode resultar na

constituição de um “fundo” relacional extremamente ambíguo. Por outro lado, estas duas opções podem funcionar em um jogo de ir e vir, no qual os membros da família podem definir, escolher ou hierarquizar o que lhes é mais conveniente. De toda forma, existe uma tensão constante. Poder estabelecer qual é a dimensão desejável, para um determinado contexto, parece ser a meta e tal meta é conquistada no convívio, sob o nosso ponto de vista. A vida cotidiana pode traduzir as diferentes formas de engajamento, priorizadas pela dimensão interacional. Dessa maneira, reafirmamos que observar a vida cotidiana mostra-se como um recurso valioso de apreensão das intersubjetividades envolvidas nesta investigação.

Ao olharmos a relação entre pais e filhos adultos coabitantes, deparamo-nos com a complexidade do nosso objeto. As regras e a hierarquia, por exemplo, não sendo categorias *a priori*, são construídas, sustentadas, questionadas e negociadas na relação. E nesse processo de construção colaboram a cultura, a singularidade, o gênero, os imperativos sociais e outros, que se constituem em uma rede de múltiplos atravessamentos. Pretendemos, neste estudo, evocar construções inusitadas, a fim de obtermos uma percepção inédita da realidade vivida nesse espaço relacional. Aspiramos compreender como pais e filhos adultos rompem e negociam suas regras e como, em um campo mais horizontal de poder, poderiam recuperar uma “suposta” hierarquia desautorizada.

Sabemos que o poder parental vem sendo desmontado por uma visão de relação estabelecida entre iguais, norteadada pela ideologia individualista-igualitária. Giddens (1999) afirma que à medida que os filhos se aproximam da vida adulta, a relação familiar tende a acercar-se da “relação pura”. Entretanto, Minuchin (1974) questiona que a família seja uma sociedade de iguais. Em suas palavras “mesmo uma sociedade democrática não se faz sem liderança.” (p. 63) Dentro dessa perspectiva, talvez seja possível pensar em uma liderança discutida nesse contexto interacional, negociada segundo as pautas do momento. Essa ótica, também, inclui a idéia de que na dinâmica interacional, alguns dispositivos de poder e controle apresentem-se e que os membros em questão mobilizem seus recursos para lidar com tal situação.

Consideramos importante ressaltar que, visando desenvolver um trabalho que não perca de vista a complexidade envolvida no seu objeto, é nossa intenção

adotar um enfoque interdisciplinar que se valha de contribuições da história, das ciências sociais, da psicologia, da psicanálise de Donald Winnicott e do campo das terapias familiares. Essa opção tem como base a constatação de que o tema de estudo é atravessado por diferentes dimensões: a individual, a familiar e a social, todas elas a serem examinadas na sua historicidade.

O primeiro capítulo desta tese visa refletir sobre o tema do prolongamento da convivência familiar e foi concebido segundo nossa compreensão do mesmo. Pensamos esse fenômeno contemporâneo a partir de cinco eixos, que, a nosso ver, se articulam e compõem essa configuração familiar. Iniciamos com o debate sobre a esfera do trabalho e seu contexto de instabilidade e insegurança, característico de uma sociedade globalizada e de risco. Para tanto, utilizamos as visões de diversos autores que refletem sobre esse tema na atualidade, entre os quais destacamos Richard Sennett, Zygmunt Bauman e Christopher Lasch. Em seguida, abordamos a questão do adiamento do casamento na sociedade contemporânea, focalizando as experiências amorosas nos dias de hoje, assim como a noção atual de conjugalidade. Para tal, os autores selecionados foram: Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Bernardo Jablonski, Andréa Seixas Magalhães e Terezinha Féres-Carneiro. O terceiro eixo trata da revalorização da instituição familiar na sociedade ocidental contemporânea e se propõe a discutir tal noção, através dos pensamentos de François de Singly e Gilles Lipovetzky. A metáfora do aconchego familiar vem a ser o quarto eixo, no qual buscamos edificar a idéia de um espaço de confiança e apoio na família, suficiente para acolher a espontaneidade e sentimentos ligados à expansão do *self*. Para tal empreendimento, utilizamos o conceito de espaço potencial de Donald Winnicott. Finalizamos o capítulo com considerações acerca de uma sociedade voltada para o culto da beleza, da saúde e do efêmero, contando com o suporte de Jurandir Freire Costa e Gilles Lipovetzky.

Ao longo do segundo capítulo, procuramos pensar na dinâmica interativa entre pais e filhos adultos, defendendo a criação de uma quase-teoria. A partir da articulação de diferentes conceitos provenientes do campo das terapias familiares, elaboramos um corpo teórico para tal reflexão, tendo em vista a articulação da prática clínica com o referencial de um fenômeno psicossocial. Dessa forma, constituímos um percurso de pensamento que se inicia com a perspectiva sistêmica de primeira ordem, através dos conceitos de diferenciação do *self*

familiar, de Bowen, e dos conceitos de estrutura familiar e recursos múltiplos do *self* na interação, de Salvador Minuchin. Em seguida, através da noção de comunicação na interação, de Paul Watzlawick, seguimos em direção ao paradigma da segunda ordem sistêmica, enfatizando que a internalização do outro ocorre através de interações, que vão se modificando e se reconstruindo em cada novo encontro interativo. Para fundamentar essa última noção, recorreremos à Sheila McNamee, Dora Schnitman, Kenneth Gergen, entre outros autores.

O terceiro capítulo deste estudo se propõe a explorar a convivência entre pais e filhos adultos no reduto doméstico, ressaltando as microexperiências cotidianas como potencialmente transformadoras da dimensão relacional. A relação de forças na interação será privilegiada, ao nos concentrarmos nas experiências de conquista de maiores espaços de autonomia, no que concerne ao universo dos filhos e à manutenção dos espaços designados como parentais, na esfera dos pais. Assim, nos habilitaremos a discutir a construção dos acordos de convivência, isto é, o processo de negociação no domínio relacional, que estabelece os compromissos ou a ruptura dos mesmos. Assim como julgamos poder entender qual seria a distância suficiente entre pais e filhos, para que a coesão seja mantida na família e para que os interesses de cada um possam ser legitimados. Para tanto, utilizaremos os aportes teóricos fornecidos por François de Singly, Elsa Ramos e Jean-Claude Kauffmann. Ainda buscamos na história da família brasileira, alguns subsídios sobre a prática cotidiana das mesmas, contando com as contribuições de Gilberto Freyre, Maria Beatriz Nizza da Silva e Roberto DaMatta.

O quarto capítulo apresenta o estudo de campo realizado com sete pais, uma mãe, quatro filhos e quatro filhas, todos coabitantes e residentes na cidade do Rio de Janeiro. Como critério de escolha dos participantes, optamos por definir *a priori*, somente, o perfil dos filhos, que seria: terem idade igual ou superior a 26 anos, serem solteiros e estarem trabalhando. Realizamos entrevistas semiestruturadas e seus dados foram tratados pelo método de análise de discurso. Dessa análise emergiram quatro temas principais: os ajustes cotidianos na convivência, o jogo interativo, duas lógicas em ação e o sentido de ser família.

O percurso que aqui se inicia abarca a riqueza das histórias contadas pelos participantes de nossa pesquisa. Esperamos que a relação entre pais e filhos

adultos, experimentada na convivência cotidiana, seja visitada e revisitada, através de uma ação conjunta entre investigador, participantes e leitores, com a finalidade de buscar os recursos do novo e do criativo nessas conversações.